

A ascensão de um raciocínio político antidemocrático

ANA KAROLINE CASTRO SILVA

RESENHA: BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Tradução: Mário A. Marino & Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

Doutora em filosofia política pela Universidade de Princeton, Wendy Brown produz obras que se concentram principalmente na análise das conjunturas políticas, sociais e econômicas contemporâneas e em seus processos e movimentos. A autora se debruça especialmente sobre o neoliberalismo econômico e seus desdobramentos na democracia liberal e nas articulações políticas a partir da ascensão da extrema direita nas últimas décadas. Fundamenta sua argumentação em autores e teorias diversas, em publicações como “Regulating Aversion: Tolerance in the Age of Identity and Empire” (2006), “Undoing the Demos: Neoliberalism’s Stealth Revolution” (2015) e “In the Ruins of Neoliberalism” (2019). Nesta última e mais recente obra, traduzida para “Nas ruínas do neoliberalismo”, a análise de Brown enfoca a ascensão de forças extremistas neoliberais, o repúdio crescente a preceitos democráticos da sociedade moderna, dispositivos do neoliberalismo contemporâneo – como a privatização do Estado, o desmonte da solidariedade civil, a financeirização e a corrosão da democracia –, bem como a emergência, no interior das democracias liberais, da imperatividade de valores que são pertinentes de uma moralidade reacionária: nacionalismo, conservadorismo cristão, racismo, cis heteronormatividade e masculinidade branca.

ANA KAROLINE CASTRO SILVA

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará. Integrante do Observatório das Nacionalidades.
E-mail: akarolinedecastros@gmail.com

Amparada no raciocínio de Foucault (“Nietzsche: the Genealogy, the History”; “Two Lectures”; “The Birth of Biopolitics: Lectures at the College de France”), Wendy Brown define o neoliberalismo não apenas como uma doutrina de política e gestão econômica, mas também como uma racionalidade política, que passou a ser fomentada e articulada a partir dos anos 1980, principalmente nos governos Reagan, nos Estados Unidos, e Thatcher, na Inglaterra. O alastramento para além do âmbito político-econômico foi apontado ainda no início do século XX como uma possível perspectiva para o capitalismo por autores como Rosa Luxemburgo, em sua obra “The Accumulation of Capital” (1913), traduzida em português para “A Acumulação do Capital”. Não muito tempo depois, se torna evidente como seus desdobramentos ideológicos passam a contaminar de forma gradual todas as esferas da vida social com a sua lógica economicista. Diferente do liberalismo clássico, o neoliberalismo se aprofunda e vê o próprio indivíduo segundo o modelo empresarial, como sujeito produtivo, competitivo, empreendedor de si mesmo, pensado e tratado enquanto capital humano no qual se faz um investimento esperando um rendimento. Sua autonomia moral passa pelo juízo desse mercado.

Essa lógica passa a orientar o modo como construímos nossa própria subjetividade, assim como nossas relações pessoais e cotidianas, pois o neoliberalismo vai conseqüentemente e progressivamente desmantelando as fronteiras entre vida e trabalho, entre público e privado. A autora demonstra como o avanço dessa lógica neoliberal sobre o domínio da política sufoca a democracia e o exercício da soberania popular. Faz isso ao expandir uma mobilização silenciosa com rigorosos controles estatais e aversão a gastos com políticas públicas e sociais, com submissão à vontade dos mercados financeiros e de outros agentes não-eleitos pelo povo e autônomos em relação aos Estados, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização Mundial do Comércio (OMC), e os lobbies empresariais que ditam as agendas, campanhas e discursos dos políticos. As instituições financeiras supranacionais se consolidam como a demonstração material da estruturação do neoliberalismo, e já nascem como instituições liberais.

Tabela 1: Diferença entre liberalismo e neoliberalismo

Liberalismo	≠	Neoliberalismo
Mercado; produção; trocas e comércio.		Financeiro; dados; elite; monetária; especulação.

Fonte: Elaborada pela autora com base em Brown (2019).

Esta é uma conjuntura na qual governar se tornou um *business*, onde os princípios democráticos básicos e os procedimentos do Estado de Direito começam a ser vistos e tratados como obstáculos. Assim o mercado financeirizado, os seus métodos, valores, métricas e até mesmo vocabulário vão se tornando o modelo para a política institucional, as decisões do Judiciário, o modo de compreender a própria sociedade e as políticas públicas. De maneira gradativa, os alicerces da democracia contemporânea, como o exercício da soberania popular, o debate de ideias e projetos de sociedade, de bem comum e justiça social na esfera pública, vão sendo prejudicados. As políticas afirmativas e de inclusão se tornam competição para a hegemonia, a liberdade vira sinônimo de mercados desregulados e os princípios fundamentais da igualdade e do universalismo são substituídos por uma desigualdade de base, admitida como natural e necessária ao funcionamento dos mercados.

A partir daí, podemos entender que a ascensão dessa extrema direita nas democracias ocidentais, incluindo o cenário brasileiro, é fruto desse desmonte dos ideais democráticos no imaginário daqueles que são cooptados por esse movimento político, precedendo de um processo complexo que remonta há mais de três décadas, possivelmente inspirando o título desta obra, “Nas ruínas do neoliberalismo: ascensão da política antidemocrática no ocidente”. Ou pode também remeter ao processo de “investigação arqueológica” de Brown acerca de quais elementos formaram e nos trouxeram à conjuntura do neoliberalismo e da extrema direita na atualidade, e como esse cenário nos leva a uma dificuldade até mesmo de conceituação desse fenômeno. Trata-se de autoritarismo, fascismo, populismo, democracia não liberal, liberalismo antidemocrático ou plutocracia de extrema direita?

Nos eventos posteriores aos anos 2000, Wendy Brown se dedica a expandir sua discussão anterior em “Undoing the Demons” sobre o neoliberalismo para entender melhor o papel do conservadorismo e/ou do reacionarismo. Em 2017, uma outra crítica feminista do neoliberalismo, Melinda Cooper, publicou um livro bastante relevante chamado “Family Values” (2017), no qual ela instiga Brown com uma observação acerca da firme aliança entre Reagan e Thatcher e como o apoio ativo de seus governos às medidas de austeridade e precarização acabaram por convergir de maneira fundamental com o conservadorismo moral. De acordo com os preceitos do neoliberalismo, o Estado vai sendo destituído de funções sociais como seguridade social (aposentadoria, seguro-desemprego, saúde pública, creches, auxílios aos pobres e outros em situação de vulnerabilidade socioeconômica), e se torna necessário que as famílias, ou na maioria das vezes, as mulheres, passem a cumprir as funções de apoiar e cuidar dos desempregados, endividados, idosos, crianças doentes, deficientes e qualquer um que não consiga se inserir de modo bem sucedido no mercado, ou que não esteja mais apto a continuar nele. Portanto, livre mercado, família patriarcal e outras formas de organização conservadoras, como as igrejas (em particular as evangélicas), passam a precisar uns dos outros para funcionar e se amplificar juntos, assim, também se transformando em plataformas de projeção para essa nova ascensão política. Exemplificado na crise de 2008 e suas consequências, diante dessa perspectiva de que as intervenções do Estado nas desigualdades sociais representam na verdade uma ameaça a sua moralidade e tradição, o neoliberalismo acaba por semear uma mágoa em sua retórica, que é constantemente expressado quase como uma ferida na masculinidade branca, cisgênero, hétero e cristã, arquétipo privilegiado nesse sistema.

Neste livro, que foi publicado pouco mais de um ano depois do livro de Melinda Cooper, Wendy Brown retorna aos fundadores intelectuais do neoliberalismo, nomes como Hayek, Friedman e outros menos conhecidos no Brasil como os ordoliberalis alemães, para mostrar como essa complementaridade entre neoliberalismo e conservadorismo já estava prevista na doutrina original, que

concedia um papel central não apenas à propriedade privada e à liberdade, mas também à tradição e à família na utopia neoliberal. A autora mostra como Hayek e outros colocavam o livre mercado e a moralidade tradicional como duplo pilar da ordem neoliberal, substituindo Estado social e democrático – o termo democrático aqui entendido não apenas como exercício do voto eleitoral, mas como uma dimensão organizadora fundamental das sociedades. Livre mercado e moralidade tradicional deveriam ser ativamente apoiados e protegidos pelo Estado, não se tratando aqui somente de um puro *laissez-faire*, como no liberalismo clássico. O Estado jamais deveria interferir no cerne da lógica própria dos mercados e da moralidade tradicional, daí a relevância na política contemporânea não apenas das agendas de privatização, reformas e austeridade, mas de pautas como aborto, ideologia de gênero e o casamento homoafetivo, demonizadas e taxadas como interferências indevidas do Estado na moralidade tradicional.

Ao dismantelar o meio social junto com a democracia, os neoliberais precisaram propor uma outra sociologia, em que, no lugar da sociedade como unidade fundamental, colocaram um cenário bem mais fragmentado, composto por um caráter fortemente individualista. Esta concepção pode ser atestada na declaração de Margaret Thatcher em uma entrevista de 1987, diretamente inspirada em Hayek: “A sociedade não existe. Existem homens, existem mulheres e existem famílias”. Para Hayek, a ordem dos mercados e da moralidade tradicional deveriam se expandir além do que ele chamou de esfera pessoal protegida – família e propriedade privada –, para vida pública e cívica. Daí, portanto, os desafios que o neoliberalismo impõe ao Estado secular e aos princípios de igualdade e justiça social que são as bases da democracia moderna. Além disso, restringe sua oposição política e o debate público em um esforço contínuo de defesa da estabilidade do Estado democrático, da ciência, do processo eleitoral, da educação formal, que se tornam questões pautadas e contestadas por essa ideologia. Apesar de concentrar-se mais em realizar um diagnóstico e uma leitura da relação dialética entre neoliberalismo e democracia do que em propor uma teoria de nova normatividade democrática ou uma contraposição, Wendy Brown demonstra de

forma fundamental como o neoliberalismo corrói não apenas a política democrática. Corrói também a sociedade, entendida como solidariedade invisível entre pessoas anônimas mas implicadas em um objetivo comum de desenvolvimento, e na qual a agência organizadora do Estado democrático poderia agir para redistribuir direitos e recursos segundo um consenso que visa o bem-estar social. A ascensão da extrema direita na atualidade seria uma consequência deste arranjo.

Referências

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. Trad. Mário A. Marino & Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

COOPER, Melinda. **Family Values: Between neoliberalism and the new social conservatism**. New York: Zone Books Hall, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Genealogy, History**. In: Donald F. Bouchard (ed.) *Language, Counter-Memory, Practice: Selected Essays and Interviews*. Ithaca: Cornell University Press, 1977.

_____. **Two Lectures**. In: id. *Power/Knowledge*. Colin Gordon (ed.). New York: Vintage, 1980.

_____. **The Birth of Biopolitics: Lectures at the College de France, 1978-1979**. Michel Senellart (ed.). Trad. Graham Burchell. New York: Picador, 2004.